

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)

ISSN: 2177-2886

Resenha

Notas sobre o Luto de Chimamanda Ngozi Adichie

Notas sobre el Luto de Chimamanda Ngozi Adichie

Notes on Grief by Chimamanda Ngozi Adichie

Joyce Alves da Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Brasil
ufrjjoyce@gmail.com

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Brasil
leandrosalesufrj@outlook.com

Como citar este artigo:

SILVA, Joyce Alves da; SILVA, Leandro Rodrigues Nascimento da. Resenha: Notas sobre o Luto de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 14, n. 2, p. 263-270, 2023. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

O livro "Notas sobre o luto", da escritora feminista e mulher preta Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 15 de abril de 2021, é mais um impactante e necessário trabalho da autora, que difere dos outros já produzidos por ela. A obra possui 30 curtíssimos capítulos, que não chegam, na maioria dos casos, a ocupar duas páginas do livro, o que facilita a leitura, tornando-a mais leve, fluida e animadora, pelo poder de síntese mostrado nos breves parágrafos.

Como o nome diz, na obra, Chimamanda Ngozi Adichie se dedica a pensar os poderes, as fraquezas, os anseios, as dúvidas, as rupturas e as insurgências produzidas pelo luto. A história contada, narrada em primeira pessoa, não é distante da autora; não é teórica; não é política; a história contada é pessoal. Afetiva. Desconcertante. Amedrontadora. A história contada é o falecimento do pai da autora, ocorrido no dia 10 de junho de 2020. Em essência, Chimamanda decide falar, e falar, como nos diz Frantz Fanon (2020) – em "Pele Negra, Máscaras Brancas" – é existir para o outro. Uma existência de nervo, de pele, de carne e de osso.

É impressionante como aquela Chimamanda forte, inspiradora e sagaz que se lê em "Sejamos todos feministas", de 2015, e também em "Para Educar Crianças Feministas: um manifesto", de 2017, apequena-se diante do luto, nos primeiros capítulos, e se mostra ao/a leitor/a como um ser humano igual a qualquer outro: frágil diante do mistério da morte e da pressão momentânea (ou duradoura) do luto. Mas a obra é uma crítica, e "[...] qualquer crítica àquilo que existe implica uma solução [...]" (Fanon, 2020, p. 76). O livro é a narração da história de vida particular da família Adichie, e é uma fonte biográfica muito fértil para compreender um pouco da formação afetiva da autora, o seu lugar de fala, suas raízes tradicionais e o seu povoado de origem em África, na Nigéria: o povoado de Abba.

O capítulo 1 inicia com Chimamanda nos contando como foi estabelecer contato com seus pais durante a pandemia provocada pelo vírus da COVID-19. O tom de conversação com o/a leitor/a, por si só, confisca-nos a atenção para o tema que será proposto. Inteligentemente, a autora recorre ao tom de conversação para não só criar críticos/as da experiência vivida por ela, mas, como diz bell hooks (2020) sobre a metodologia de "conversação", para construir uma "comunidade de aprendizagem". Ademais, "Em grande parte, a aquisição de conhecimento chega até nós, na vida diária, por meio de conversas." (hooks, 2020, p. 81). As chamadas de vídeo eram sempre dominicais, feitas pela plataforma *Zoom*; ela e mais um irmão entravam na chamada, estando em Lagos. Outros três, nos Estados Unidos. E os seus pais, com muitos ruídos e entraves no vídeo, entravam de Abba, Sudoeste da Nigéria, cidade dos/as antepassados/as da escritora. Essa chamada de vídeo, segundo a autora, ocorreu no dia 7 de junho. No dia 8, Okey, o irmão de Chimamanda, fora visitar o pai, que se queixava de dormir mal e comer pouco por estar preocupado com um bilionário que queria invadir as terras de Abba para estabelecer negócios ali. No dia 9, Adichie lamenta ter falado com o pai brevemente para que ele pudesse repousar, pois parecia cansado. E no dia 10 de junho, como já dito, ele faleceu. "Meu irmão Chuks me ligou para avisar, e eu desmoronei" (Adichie, 2021, p. 10).

Com o falecimento do pai, abruptamente, a autora nos leva ao capítulo 2, o

qual trará para o leitor uma Chimamanda, um dia depois da morte de seu pai, ainda baqueada pela tristeza, mas um pouco mais lúcida para, no silêncio, refletir a sua – ou a nossa – condição. Isso se inicia quando a filha da autora lhe mostra como a sua mãe estava, no dia anterior, aos prantos, ao receber tão indigesta notícia. A encenação da pequena menina, mostrando à sua mãe como ela batia forte com os punhos no chão, faz com que esta percebesse que o descontrole no luto só piora o entorno. Ainda assim, é ao nosso redor onde estão as maiores razões para se continuar.

Desvenda-se, então, na leitura, o capítulo 3. Ele trará um só parágrafo para nós, o qual metaforicamente compreendemos que representa um só corpo que sente a dor do luto. Um corpo individual – o da autora, que sente a morte do pai – e um corpo coletivo – que sente a morte de um homem negro, o qual não conhecemos, mas que é racializado assim como nós. Um homem que dedicou a vida para preservar a cultura local de Abba e de seus/suas antepassados/as, quando exigiu que dentro de sua casa as suas filhas falassem *igbo*, a língua local. Quanto ao inglês, a língua do comércio, que aprendessem na escola. Mais adiante falaremos dessa questão, pois a autora dedica um capítulo exclusivo a ela. Assim, para passarmos à próxima parte da obra, destacamos parte do parágrafo do capítulo em questão:

O luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele, pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. Por que sinto tanta dor e tanto desconforto nas laterais do corpo? É de tanto chorar, dizem. Não sabia que a gente chorava com os músculos. A dor não me causa espanto, mas seu aspecto físico sim: minha língua insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comido algo nojento e esquecido de escovar os dentes; no peito um peso enorme, horroroso; e dentro do corpo uma sensação de eterna dissolução (Adichie, 2021, p. 14).

Sem dúvidas, fica nítido que o luto atinge a força física, tira-nos as palavras que já não temos e, quando as temos, não possuímos forças para dizê-las. É um estado de apatia e de deslocamento que podemos tecer com nossas práticas políticas de engajamento e nos vemos representados/as, chorando com os músculos, quando morre um preto a pauladas na praia de Copacabana – como aconteceu com Moïse – uma travesti, ou uma mulher é violentada. A história do luto particular narrada por Chimamanda possui *outrereidades* – conceito muito bem explorado na obra "Transfeminismo", da professora travesti Letícia Nascimento (2021) – que são nossas.

O capítulo 4 é mais leve, no sentido de nos indicar possíveis saídas do luto, e uma delas é a lembrança e o riso. “Rir é um ato político”, e rir é quebrar a lógica do choro. Chorar sorrindo talvez seja o que todos nós precisamos aprender a fazer. Somente chorar pela atual conjuntura do Brasil, somente chorar pelas inúmeras vidas perdidas na pandemia não basta. É preciso rir também, lembrando-se daqueles/as que se foram, em seus momentos de alegria, pois o riso no luto é algo momentâneo, mas não deixa de nos aliviar. “O riso vai se apagando. O riso se transforma em choro, que se transforma em tristeza, que se transforma em raiva.” (Adichie, 2021, p. 18). Assim, a autora

nos deixa entrever que o choro pós-riso não é de mesmo efeito que o choro anterior ao riso; é diferente, é engendrador da raiva. Raiva essa que não destrói, mas reconstrói do nada as forças perdidas.

O capítulo 5 é dedicado ao espanto que Adichie tem quando as pessoas ficam sabendo da morte de seu pai. O telefone que não parava de tocar, as mensagens no celular, que chegavam incessantemente, as visitas aos montes, feito procissão à casa da família... Um turbilhão de pessoas que faziam se tornar verdade aquilo que a autora afirma que desejava ser um sonho. Ouvir dizer que o pai dela foi um bom homem – no pretérito perfeito – a agoniava. A ação estava terminada. Foi, não é mais. Todavia, as falas de morte é o que Chimamanda não deseja permitir que se atribua ao seu pai. Depreende-se que a morte também é discurso, e no discurso da família, o pai da autora jamais morreria. Jamais!

O capítulo 6 é um verdadeiro primor. É nobre, regressivo-pessoal. Nele, Chimamanda diz se arrepender das palavras de segurança que possuía sobre viver o luto. Mandar que as pessoas encarassem a dor de frente, atravessá-la, falar a respeito, etc., não faz sentido algum para quem ainda não viveu tão denso momento. A conclusão é apenas uma a que a autora chega: “Já estive em luto antes, mas só agora toquei sua essência mais pura.” (Adichie, 2021, p. 23). Não há como encarar o luto de frente. É como uma faca que corta e machuca ainda mais.

Diante da dor, a obra nos ensina a negar. Mas isso não é preciso que seja ensinado, qualquer um que tenha vivido a dor da perda sabe que a primeira reação ou palavra que promana da nossa boca é: “eu não acredito!”. Isso equivale a dizer: “Não é possível que isso possa ter acontecido”. “Isso não se aplica para tal pessoa, para tal grupo”. Porém, a vida é vivida. O que nos conforta é saber que a negação é uma forma de viver o luto e dele se curar. Sim, há cura para ele.

O capítulo 7 é consciente e muito preciso, ao refletir sobre o pior dia de vida do ser humano. Chimamanda afirma que esse dia chega para qualquer um, e, em um evidente paradoxo, muito bem construído semântica e sintaticamente, diz: “Existe sim o pior dia de vida de uma pessoa, e por favor, querido Universo, eu não nunca quero que nada o supere.” (Adichie, 2021, p. 26).

Chegamos, assim, à parte 8 do livro que, como de costume, possui uma página e meia de escrita. Nela, fala-se do amor, da preocupação que uma família demanda. A preocupação leva à procura, e temos a seguinte sequência compreendida por nós: amor + preocupação + procura = desejo por estar sempre perto. Mas estar perto era a única coisa que, no primeiro momento em que recebeu a notícia da morte de seu pai, Chimamanda não podia. Apesar do pequeno tamanho, o capítulo 8 nos deixa agoniados/as, pois a narradora já está de posse da notícia do falecimento de seu pai, carregando o denso peso da perda, e os aeroportos da Nigéria, fechados. Ninguém entrava, ninguém saía. Percebemos algo que fica implícito no texto: a pandemia da COVID-19 aprofundou sofrimentos de maneira incalculável. Ter um pai a ser sepultado em outro continente e encontrar dificuldades para cumprir as exéquias esperáveis é sofrer duas, três, incontáveis vezes mais. Isto aflige o coração.

O capítulo 9, também breve, focaliza na maneira rápida, repentina, como a

vida da autora mudou. Mudou porque pessoas que nem conhecia passaram a ligar para ela, a visitá-la para desejar os pêsames. Em momentos tantos, ela pensava em perguntar ao próprio pai quem era que vinha ao seu encontro, mas se lembrava de que já não havia mais pai, em corpo físico, encarnado, para perguntar. As lacunas talvez sejam a pior abertura que o luto deixa em nós. Todavia, elas são necessárias, pois é de lacuna em lacuna aberta que a gente percebe portais, por onde tudo na vida passa e nada permanece.

O capítulo 10 é dedicado ao estranhamento que Adichie demonstra com as expressões de morte – leia-se condolências – endereçadas a ela pelo fato ocorrido. Dizer que o pai dela havia ido para um lugar melhor era tão patético, pois, como a pessoa que dizia sabia disso? E ela, a filha, que estava de luto, não deveria ter acesso privilegiado a essa informação? Dizer que o pai estava descansando? Mas ele não poderia descansar no seu quarto e em sua cama? Dizer que o pai dela já tinha 88 anos? E, por acaso, há idade certa para morrer, para que se justifique a morte? Aliás, humanamente falando, a morte não tem justificativa. Ninguém deseja morrer. Nem o suicida deseja a morte, ele deseja aplacar uma dor ou problema que não consegue resolver.

Os capítulos 11 e 12 se debruçaram outra vez sobre a matéria do luto em partes do dia. Para a autora, pela manhã, ele é sempre pior. Contudo, estranhamente nos tornamos possessivos/as da dor, com aquilo que é ruim, por tempo considerável. Talvez a posse da dor seja o efeito visceral do corpo bio-físico-químico-psíquico para se curar. Eu abraço forte o meu próprio algoz – o luto – para sufocá-lo. Abafá-lo em mim. Abafá-lo de mim e do mundo.

Nas partes 13 e 14 da obra, a autora se dedica a pensar os objetos que a ligavam ao pai. Apaixonadamente, ela o enaltece como o maior professor de estatística universitário da Nigéria. O nome dele? James Nwoye Adichie. Essa é uma das poucas vezes que o nome dele aparecerá no livro. O que importa é a pessoa, é o/a leitor/a, é qualquer ser humano.

Nos capítulos 15 e 16, Adichie relembra dos momentos em que gravava o pai em vídeos, que serviram de ferramentas para aplacar a dor da inexistência do pai, nesse momento pelo qual passava a autora. Registrar, registrar, registrar: esse é o lema para não deixar morrer.

O capítulo 17 é preâmbulo inextricável do 18, pois, naquele primeiro, Adichie afirma que “Parte da tirania do luto é que ele impede a pessoa de recordar as coisas importantes.” (Adichie, 2021, p. 62). O fato importante que ela tanto deseja se recordar se deslança na parte 18, como dissemos, que é se lembrar do orgulho que o pai tinha por ela. Orgulho este que a formou como uma mulher segura. Quando menina, sempre elogiada pelo pai, foi forjando para si uma autoimagem empoderada. O empoderamento possui história; uma história que, no plano individual e coletivo, precisa ser construída todos os dias, como afirma Joice Berth (2020), em seu livro “Empoderamento”. O capítulo 18 serve de degustação pedagógica para muitos/as pais e mães educarem seus/suas filhos/as. Principalmente pais e mães de filhos/as negros/as.

O capítulo 19 é construído em tom de denúncia. A autora demonstra algumas motivações que levaram um tal bilionário – que já falamos neste texto – a desejar ferozmente as terras de Abba, sua cidade ancestral. Por um pedaço de terra, detendo o poder econômico, e, conseqüentemente, parte do poder

político, o bilionário mandava até que se forjasse crimes para acautelar adversários considerados empecilho para seus planos. O pai de Adichie, lógico, era um dos que estavam sob constante ameaça.

O capítulo 20 retoma o drama da morte do pai de Chimamanda, quando a filha da escritora interrompe a conversa que aquela primeira tem com o/a leitor/a para questionar a própria mãe sobre qual o horário que o seu avô há de acordar. Quando se encontra com essas palavras, diz-nos a autora: “Eu choro, não consigo parar de chorar, e desejo que a sua compreensão do mundo fosse real. Que o luto não significasse a total impossibilidade da volta.” (Adichie, 2021, p.75).

O capítulo 21 é um dos mais contundentes, pois ele evidencia que as universalizações – no que tange à cultura – nunca cabem. Isso o/a leitor/a consegue depreender a partir do momento em que, para sepultar o pai da maneira correta para o povo *Igbo*, os/as filhos/as do falecido precisariam organizar um verdadeiro evento, com direito a convites, almoço com galinha, cabritos e, o que não poderia faltar: cerveja! Apesar de ser algo tão delicado, pois a história não é ficção, é acontecimento real da família, que foi escrito e relatado, o texto soa engraçado. A diferença cultural dos sepultamentos brasileiros é extremamente destoante. Chimamanda, diante do retorno à sua cultura de origem, estranha tudo aquilo, e afirma não se importar com aquela “festa”, porque o luto a corroía por dentro; mas admite que mesmo não vendo necessidade daquilo, opta por dar atenção; a mesma atenção que o pai dela daria, se vivo estivesse.

Nos capítulos 22 e 23, a escritora fala, novamente, do seu descontentamento com os serviços prestados na Nigéria, principalmente de transportes públicos e aéreos; e permanece endereçando seu desconforto em relação aos costumes locais, quando uma mulher ficava viúva – agora, caso de sua mãe. “Primeiro a viúva deve ter a cabeça raspada – e antes de ela conseguir continuar, meus irmãos vão logo dizendo que isso é ridículo e não vai acontecer. [...]” (Adichie, 2021, p. 85). Até em uma situação tensa, a autora não deixa de salientar a presentificação dos regulamentos de gênero.

As partes 24 e 25 da obra são dedicadas a algo que todo o ser humano que já perdeu algum parente na vida e precisou negociar com a funerária sabe: mesmo no luto, ainda tem de se ter cabeça para barganhar gorjetas com os prestadores de serviço. Se enterrar o pai já seria difícil fora de um contexto pandêmico, imagine dentro de um... O livro nos conta que as funerárias do Sudoeste da Nigéria estavam todas abarrotadas de cadáveres esperando por uma vaga para serem sepultados, visto que, por conta da pandemia, a demanda diária de mortes havia se tornado miríade. Enfim, nos capítulos citados, sente-se o cheiro de cadáver, e uma sensação muito desoladora se impõe ao apreciador da obra, somatizada à raiva que ficamos quando o irmão da autora, Okey, precisa sempre ir à funerária e agraciar os funcionários com dinheiro, para tentar agilizar a liberação do corpo de seu pai. Como pode haver tanta insensatez e desumanidade diante do sofrimento evidente de outros/as?

Chegando aos capítulos 26 e 27, carinhosamente, o livro relata as desobediências do pai da autora, o que nos faz dar boas risadas. A exemplo, o caso da insistência que James Adichie tinha em comer ovos sem poder. Segundo relata a escritora, o pai tinha o prazer de pôr na boca o ovo quando,

no mesmo instante, os/as filhos/as desesperadamente clamavam para que ele não o comesse. É uma anedota real, leve, que faz com que todos/as nós nos identifiquemos, ou identifiquemos parentes mais idosos que são exatamente assim: “um poço de teimosia”. Diz-se, popularmente no Brasil, que ser idoso é voltar a ser criança. Certo ou errado, as ações de ambos períodos geracionais da vida de fato se assemelham.

Os capítulos 28 e 29 pintam o fim das reflexões da autora e, novamente, ela volta a mergulhar em seu luto interior para nos dizer: “As camadas da perda fazem eu me sentir fina como um papel!” (Adichie, 2021, p. 105). Um papel rasurado em parte pela história perdida – ou melhor: falecida. Pensando em sua condição de frágil, de insegura, no momento da perda, diz-nos Chimamanda (2021, p. 106): “Nós não sabemos como será o nosso luto até o nosso luto acontecer”. De repente, ela relata que se viu obrigada a homenagear o pai fazendo camisetas com fotos dele e falas a ele dedicadas.

Essas camisetas eram um alívio para ela, uma contenção do impulso de impotência. “Será que as camisetas algum dia representaram tamanha válvula de escape?” (Adichie, 2021, p. 107). Hoje, compreendemos a importância de se criar placas, como foi feito após a morte da vereadora Marielle Franco, assassinada brutalmente no Rio de Janeiro por ser uma mulher preta que lutava por justiça social. Compreendemos a importância de se criar memoriais – como o que foi proposto pela Prefeitura do Rio de Janeiro – após a morte de Moïse; enfim, placas, adereços, monumentos. São formas terapêuticas de se dividir o luto.

O último e mais impactante capítulo é o de número 30. Curto tal qual será este último parágrafo. Com apenas 3 linhas escritas, desfere-se na página em branco as seguintes palavras: “Estou escrevendo sobre o meu pai no passado, e não consigo acreditar que estou escrevendo sobre o meu pai no passado.” (Adichie, 2021, p. 110). Passado: o nome que se dedica a resumir tudo aquilo que escorreu pelas nossas mãos. Sem qualquer dúvida, “Notas sobre o luto” é um ensinamento terapêutico para que aprendamos os poderes do luto que também criam a luta.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. 1 ed. Trad.: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1 ed. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1 ed. Trad.: Christian Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad.: Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Joyce Alves da Silva, Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Notas sobre o Luto de Chimamanda Ngozi Adichie

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico**: sabedoria prática. Trad.: Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

**Recebido em 29 de 12 de 2022.
Aceito em 07 de agosto de 2023.**

Joyce Alves da Silva, Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

270